

## Onde Está o Paraíso?<sup>1</sup>

Isabela Fernandes SOUZA<sup>23</sup>  
Magaly PRADO<sup>4</sup>

### RESUMO

A produção em jornalismo digital *Onde está o Paraíso?* foi realizada a partir da proposta desenvolvida nas aulas da disciplina Edição para Internet, do curso de Jornalismo da Escola Superior de Propaganda e Marketing de São Paulo (ESPM-SP). O objetivo foi criar uma multimídia sobre um tema relevante do noticiário daquele momento (segundo semestre de 2015), pautado e “vendido” pelo aluno. *Onde está o Paraíso* aborda a linha tênue entre Islamismo e extremismo religioso, relacionando os conceitos e a origem do terrorismo com a proposta de desconstruir preconceitos e explicar sobre o tema de maneira básica, didática e simples, porém elaborada de maneira aprofundada para contrapor as estatísticas alarmantes que apontam que a maioria dos leitores consomem apenas informações telegráficas nas redes sociais.

**PALAVRAS-CHAVE:** Islamismo; terrorismo; extremismo religioso; Alcorão; 11 de setembro.

### 1 INTRODUÇÃO

O número de muçulmanos irá ultrapassar o de cristãos a partir de 2050. De acordo com o relatório “O Futuro das Religiões do Mundo: População e Projeções de Crescimento 2010-2050”, divulgado pela Pew Research Center em 2015, quase 30% da população mundial irá praticar o Islamismo até 2050. A partir dos dados citados e da constante veiculação da mídia sobre notícias relacionadas ao Estado Islâmico, o projeto *Onde Está o Paraíso?* surgiu com a necessidade de sanar dúvidas da própria autora. Com a criação de uma multimídia temática na disciplina Edição para Internet da ESPM-SP e baseada nos preceitos jornalísticos, pesquisamos e entrevistamos especialistas e religiosos no tema, como o jornalista Diogo Bercito, mestre em estudos árabes pela Universidad Autónoma de Madrid (Espanha), e Sheikh Jalloul – primeiro sheikh brasileiro.

O Estado Islâmico surgiu em 2014 como uma ramificação da Al-Qaeda e que luta para a construção de um califado islâmico no Oriente Médio. A maioria dos membros é sunita e faz uma leitura extremista do Alcorão.

---

<sup>1</sup> Trabalho submetido ao XXIII Prêmio Expocom 2016, na Categoria JO 07, modalidade Produção em Jornalismo Digital.

<sup>2</sup> Aluna líder do grupo e estudante do 7º. Semestre do Curso de Jornalismo da ESPM, email: [souza.isabela@outlook.com](mailto:souza.isabela@outlook.com).

<sup>3</sup> A aluna assina como Isabela Pacilio no trabalho submetido.

<sup>4</sup> Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Jornalismo da ESPM-SP, email: [magalyprado@espm.br](mailto:magalyprado@espm.br).

O surgimento do Estado Islâmico teve a contribuição direta e indireta de países como Síria, Iraque e Estados Unidos. De acordo com Bercito<sup>5</sup>, os EUA tem um papel importante no processo devido à "uma longa linha de intervenções, incluindo a invasão do Iraque em 2003, o desmantelamento do Exército iraquiano e a alienação das tribos sunitas do poder central".

Jalloul<sup>6</sup> é taxativo ao afirmar que o Estado Islâmico foi diretamente financiado por países ocidentais, como Inglaterra, Estados Unidos e Israel, com o objetivo de "fazer uma bagunça na região, onde a maioria é xiita e associada ao Irã". A "criação" acabou perdendo o controle. O Islamismo possui diversas ramificações: as duas principais são os sunitas e o xiitas. Jalloul conta que no dia do enterro do profeta Maomé, um grupo de árabes discutia seu sucessor. "Então, esse grupo decidiu que Abu-Bakr, um companheiro do Maomé, iria comandar. Uma parte dos muçulmanos o seguiu, outra parte seguiu a família do profeta". Os companheiros de Maomé se autodenominaram sunitas e para se diferenciarem e menosprezarem o outro grupo, os sunitas chamaram o outro grupo de xiita.

De acordo com um levantamento realizado pelo jornal britânico *The Telegraph* mais de 27 mil estrangeiros se alistaram ao Estado Islâmico desde 2011. O número pode ser ainda maior, por não ser possível fazer a contagem exata de membros do grupo terrorista. Nos recentes ataques em Paris (França, 2015) e Bruxelas (Bélgica, 2016), o mundo questiona os motivos que levam jovens do mundo inteiro a lutarem em uma guerra sem inocentes. A xenofobia na Europa e a falta de uma identidade de jovens árabes nesses países, os levam a ir para a Síria e Iraque em busca de aceitação, promessa de poder e acolhimento – realizadas, em sua maioria, pelas redes sociais.

Jalloul explica que o Islamismo segue a Sharia – as leis e regras baseadas no Alcorão sagrado e na tradição do profeta Maomé. Para ele, o problema está no fanatismo religioso do Estado Islâmico e na forma de interpretar o Alcorão. "Essa matança toda [Paris] não existe no Alcorão. Não está escrito que se a pessoa não aceita sua religião, ela tem que morrer. Não existe na Sharia, por exemplo, colocar um jornalista em uma gaiola e colocar fogo", explica, citando os ataques terroristas em Paris, em novembro de 2015, e as táticas de terror usadas pelo grupo. A compreensão da história do terrorismo é essencial para as análises e previsões sobre possíveis acontecimentos no mundo. David Rapoport, em *The Four Waves of Modern Terrorism*, lista quatro "ondas" que devem ser compreendidas:

---

<sup>5</sup> Entrevista concedida a autora do projeto. São Paulo, 19 de novembro de 2015.

<sup>6</sup> Entrevista concedida a autora do projeto. São Paulo, 03 de novembro de 2015.

A "Onda Anarquista" foi a primeira experiência terrorista globalmente ou verdadeiramente internacional na história; e em seguida, há três expressões similares, consecutivas e sobrepostas. A "Onda Anticolonial" começou em meados de 1920 e durou cerca de 40 anos. Logo depois, veio a "Onda da Nova Esquerda", que diminuiu muito com o final do século 20, deixando somente alguns grupos pequenos - mas ainda ativos - no Nepal, Reino Unido, Peru e Colômbia. Em 1979, uma "Onda Religiosa" apareceu; se ela seguisse os padrões das ondas anteriores, ela estaria terminada em 2025 - e uma nova onda surgiria. A singularidade e persistência da experiência da onda indica que o terror está profundamente e enraizado na cultura moderna (RAPOPORT, 2004, p. 47). (Tradução livre pela autora do projeto).

## 2 OBJETIVO

A multimídia *Onde está o Paraíso?* teve como objetivo fundamental a conscientização do internauta sobre os temas: Islamismo e terrorismo a partir de material aprofundado. Assim, o projeto visa esclarecer as principais diferenças entre islamismo e o extremismo religioso, mostrando que muçulmano e terrorista não são sinônimos, como se vê estereotipado em diversas mídias e opiniões nas redes sociais. Além disso, a produção da multimídia necessitou a aplicação dos preceitos do jornalismo e, principalmente, da apuração dos dados levantados para estruturar uma narrativa jornalística digital.

## 3 JUSTIFICATIVA

Com o crescimento do discurso de ódio inflamado por preconceitos nas redes sociais – especialmente Facebook, Twitter, as mais consultadas e que estão a dominar o acesso às informações nos dias de hoje, como veremos mais adiante nas recentes reflexões de Emily Bell (2016) – é importante que o jornalista cumpra seu papel social e venha desconstruir estereótipos de uma visão rasa sobre o assunto proposto.

A proliferação do discurso de ódio online, como apontado pela *UN Human Rights Council Special Rapporteur on Minority Issues* e pela UNESCO, traz novos desafios. Enquanto as estatísticas globais ainda não estão disponíveis, tanto as plataformas de redes sociais e organizações criadas para combater o discurso de ódio reconheceram a crescente quantidade de mensagens com conteúdo de ódio e suscitaram uma inédita atenção para tomar as medidas adequadas. “De acordo com HateBase, um site que coleta casos de discurso de ódio online em todo o mundo, a maioria deles visa indivíduos baseados em nacionalidade e etnia, mas incidências de ódio à religião e classe social também foram levantados” (UNESCO, 2015, p. 13).

#### 4 MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A multimídia *Onde Está o Paraíso?* foi produzida como trabalho acadêmico da disciplina Edição para Internet da ESPM São Paulo. Para tal, com orientação da professora Magaly foi definido o seguinte processo de produção: definição de tema (discussão sobre os possíveis assuntos que poderiam ser estudados); agendamento e entrevista com as fontes; consultorias com a orientadora; finalização do site e exibição em sala de aula. A multimídia foi assinada por Isabela Pacilio, nome definido pela autora para as matérias jornalísticas.

As entrevistas foram realizadas por telefone e e-mail, uma vez que nem todas as fontes se baseiam em São Paulo, Brasil. Para cada entrevista, foi seguido um roteiro de perguntas previamente definido com a orientadora, para atingir os objetivos propostos. Os temas foram escolhidos baseados nos interesses da autora, além da importância contextual: os ataques do Estado Islâmico em Paris.

A apuração e levantamento dos dados para a multimídia foram realizadas em sala de aula e fora dela, buscando em fontes confiáveis – como jornais, revistas, livros e publicações acadêmicas. Para o projeto, foi comprado um domínio próprio ([www.ondeestaoparaiso.com](http://www.ondeestaoparaiso.com)). A tecnologia utilizada foi o Wix e o layout é da autora.

A partir do conteúdo aprendido no decorrer das aulas, quando aplicada a metodologia ativa com a classe a experimentar diversas ferramentas digitais dentro de temas específicos, a ideia de construir um site baseado em texto, imagem, áudio e vídeo, que utilizasse todas, ou ao menos a maioria, das ferramentas exercitadas – possibilitou a elaboração de conteúdo baseado nas características específicas do webjornalismo.

De acordo com Magaly Prado (2011), o que caracteriza o webjornalismo – ou jornalismo na internet – é: a hipertextualidade, a multimídia, a interatividade, a customização, a atualização contínua, a memória, a hiper mobilidade e a transmídia. Para a autora a multimídia é um dos elementos fundantes da era do jornalismo na internet: “jamais poderíamos imaginar que em um único espaço teríamos a possibilidade de ler, assistir e ouvir o que se passa no mundo de forma tão convergente” (PRADO, 2011, p. 125).

Essa cultura da convergência permite que haja um fluxo de conteúdo intenso entre as diversas plataformas existentes de acordo com o pensamento de Henry Jenkins (2006). “A circulação de conteúdos – por meio de diferentes sistemas midiáticos, sistemas administrativos de mídias concorrentes e fronteiras nacionais – depende fortemente da participação ativa dos consumidores”.

Meu argumento aqui será contra a ideia de que a convergência deve ser compreendida principalmente como um processo tecnológico que une múltiplas funções dentro dos mesmos aparelhos. Em vez disso, a

convergência representa uma transformação cultural, à medida que consumidores são incentivados a procurar novas informações e fazer conexões em meio a conteúdos midiáticos dispersos (JENKINS, 2006, p. 29-30).

Jenkins (2006) aponta que o potencial revolucionário das novas tecnologias possibilita uma comunicação alternativa. Para o estudioso exatamente de todo o processo da convergência, a internet distribui a informação de maneira justa e distribui poder, que “está se deslocando das instituições que sempre governaram de cima para baixo, sonhando informações, dizendo como devemos cuidar de nossa vida, para um novo paradigma de poder, distribuído democraticamente e compartilhado por todos nós” (apud TRIPP, 2006, p. 290). Dessa forma, podemos observar, especialmente, os acontecimentos no mundo desde 2011, como o estopim da Primavera Árabe e o vazamento de informações pelo Wikileaks, Swissleaks, caso Snowden e, o mais recente, o Panama Papers. A internet possibilita a democracia da informação: seja para mobilizar uma revolução contra o governo (primeiro exemplo, o de Joseph Estrada, das Filipinas, em 2001), como vazamento de dados da vigilância feita pelo governo contra os próprios cidadãos, ou seja, informação é poder.

A democratização da informação sempre levantou questões relevantes para o papel do jornalista, porém no contexto atual com a comunicação em rede, toma proporção crescente. Desde o surgimento da internet, o consumidor de informações vem adquirindo uma função ativa: ele não se contenta mais em apenas consumir a notícia, mas também quer produzir conteúdo. É instalada a era do “jornalista” cidadão ou colaborador. Dessa forma, nos dias de hoje, por que iremos privilegiar a “verdade” de um jornalista? Ignacio Ramonet (2012) é taxativo ao afirmar que há razões habituais para tal, mas não pode-se tomá-las como verdades: a primeira é de que um jornalista profissional dedica seu tempo para apurar as informações e confirmá-las, apesar de que a urgência e rapidez que as grandes mídias impõem deixa o trabalho do jornalista quase mecânico – e menos aprofundado.

Em segundo lugar, porque a proliferação de mentiras e imprecisões nas mídias dominantes mostra que os imperativos do jornalismo de qualidade são muito mais frequentemente negligenciados. Além disso, nada prova, a priori, que a comunidade de internautas não saberá verificar, recortar e confirmar com o mesmo (ou maior) rigor e seriedade adotados por um jornalista profissional (RAMONET, 2012, p. 23).

A linguagem multimídia está em constante transformação, porém, ela permite a “flexibilidade nas relações entre os conteúdos que passam a assumir uma estrutura em redes, em que 'nós' (palavras, imagens, vídeos, sons) do discurso se conectam com outros 'nós' das associações estéticas e cognitivas” (BIEGING et al., 2013, p. 105-106). Razão tem

Pierry Levy ao observar que o texto proporciona um espetáculo na mente do leitor e, através de imagens, sons, vídeos, ícones e outras ferramentas, tem a “possibilidade de se exteriorizar” e torna a leitura mais enriquecida (BIEGING et al., 2014, p. 106).

Ramonet (2012) complementa considerando que a informação escrita, “antes linear e plana, torna-se esférica e estrelar”, devido à grande quantidade de links de hipertexto, que oferecem infinitas extensões, discussões, novos pontos de vista etc.

Nós saímos de um sistema mídia-cêntrico e entramos num sistema eu-cêntrico, em que cada internauta possui o poder de comunicar sons, textos, imagens, de trocar informações, de redistribuí-las, de misturá-las a diversos documentos, de realizar suas próprias fotos ou vídeos e de colocá-los na rede, onde massas de pessoas vão vê-las e, por sua vez, participar, discutir, contribuir, fazer circular. O desenvolvimento das redes sociais renova, assim, o projeto de uma democratização da informação (RAMONET, 2012, p. 28).

Através de inúmeras discussões em sala de aula do fazer jornalístico nos dias de hoje, percebemos que, é preciso investir em reportagens multimídia, principalmente com conteúdo avançado, aprofundado, apesar das fortes e insistentes indicações de que o leitor-internauta está cada vez mais consumindo informação pelas redes sociais. Emily Bell resumiu muito do que debatemos e andamos refletindo (sem parar, porque a comunicação digital é mutante) entre alunos e professores. Porém, importante notar os pontos levantados pela jornalista, sintetizados aqui para que possamos fazer um contraponto com o estado da arte do jornalismo e o que queremos continuar produzindo e oferecendo aos leitores.

O jornalismo está passando por uma crise em seu modelo de negócio. No Brasil e no mundo, diversas revistas e jornais têm fechado suas portas. As redes sociais estão revolucionando a forma do fazer jornalístico, é o que constata Emily Bell (2016), mencionada anteriormente. A crise no modelo de negócio do jornalismo vê nos novos formatos uma possível solução para o problema, complementa Bell. A tecnologia permite irmos além do texto em papel: realidade virtual, streaming, inteligência artificial, mensagens instantâneas, uma infinidade de aplicativos, entre muitos outros recursos. “Estamos vendo mudanças massivas no controle e nas finanças, colocando o futuro da redação nas mãos de poucos, que controlam o destino de muitos”, e completa:

As mídias sociais não apenas engoliram o jornalismo: engoliram tudo. As campanhas políticas, os sistemas bancários, as histórias pessoais, a indústria do lazer, vendas, até governos e segurança. O celular em nossos bolsos é o nosso portal para o mundo. Acredito que de diversas maneiras isso anuncia oportunidades para a educação, informação e conexão, mas também traz uma série de riscos existenciais contingentes (BELL, 2006, online). (Tradução livre)

Bell alerta para duas ações que já aconteceram e não prestamos a devida atenção. Primeiro, os editores de notícias perderam o controle sobre a distribuição. Agora, as notícias são filtradas por meio de algoritmos e plataformas que não são imprevisíveis. A jornalista reflete ao dizer que “o mercado das notícias está acolhendo essa tendência e sites como BuzzFeed, Vox e Fusion construíram sua presença na premissa de que estão trabalhando dentro do sistema, não contra ele”. Em segundo lugar, há o aumento do poder das companhias de mídias sociais. Bell elenca as maiores empresas de plataformas e mídias sociais: Google, Apple, Facebook, Amazon, e até as secundárias, como Twitter e Snapchat, as quais, conforme sua constatação tem sido extremamente poderosa em controlar quem publica o que e para quem, e como essa publicação é monetizada.

Para ser sustentável, as redações vão precisar radicalizar o modelo de negócio, sugere Bell (2016) “O mais provável é que a nova onda de empresa de notícias será formada em torno de um modelo de gestão de diferentes histórias, talentos e produtos por meio de uma extensa gama de dispositivos e plataformas”. Com a transição, postar notícias diretamente no Facebook ou outras plataformas será a regra e não a exceção, reforça ela. Até desistir de um site oficial pode ocorrer em detrimento de uma distribuição em massa. A diferença entre plataformas e publicações irá desaparecer por completo, segundo Bell.

Enquanto esse desaparecimento de que fala Bell não ocorre por completo, e por acreditarmos que sempre haverá alguém com interesse em grandes reportagens – no nosso caso, no formato multimídia, pois permite abrigar ilimitadamente o conteúdo jornalístico produzido em variadas plataformas como áudio, vídeo e demais ferramentas digitais, complementando o texto –, é que insistimos no propósito de trabalhar em produção elaborada que dê conta de abordar um tema de maneira o mais abrangente possível.

Além da utilização do conteúdo advindo das ferramentas digitais ao longo do curso, paralelamente, o desenvolvimento do projeto baseou-se em pesquisas tanto em artigos acadêmicos quanto em publicações sobre os temas, para o próximo passo, o de conversar com as fontes selecionadas: professores, jornalistas e um líder muçulmano no Brasil.



## 5 DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

*Onde Está O Paraíso?* conta com entrevistas de especialistas no assunto, de uma fonte religiosa e de uma estudante de origens árabes. Os entrevistados foram: Diogo Bercito, mestre em estudos árabes pela Universidad Autónoma de Madrid, blogueiro e correspondente em Jerusalém do jornal *Folha de S. Paulo*; Sheikh Rodrigo Jalloul, primeiro brasileiro nato a se tornar um clérigo xiita; Sidney Leite, Pró-Reitor Acadêmico do Centro Universitário Belas Artes de São Paulo, professor dos cursos de Relações Internacionais da



Imagem 1. Página inicial da multimídia

Belas Artes e da ESPM, pós-doutor em Comunicação pela Universidade Metodista; Marina Ayub, estudante de jornalismo da ESPM, católica e árabe, pesquisa sobre as mesquitas de São Paulo. Eles foram escolhidos para abranger o tema com as visões: jornalística, acadêmica, religiosa e uma fonte não-especialista. Por meio de uma pesquisa densa, foi possível apurar as informações apresentadas, como número de combatentes na época, datas importantes para entender o Estado Islâmico e pesquisa bibliográfica sobre terrorismo.

*Onde está o Paraíso?* <[www.ondeestaoparaiso.com](http://www.ondeestaoparaiso.com)> está dividida em:

- “Afinal, todos os muçulmanos são terroristas?” e “Estado Islâmico” – reportagem especial sobre Islamismo e terrorismo;
- “Em números” – dados numéricos sobre o Islamismo no mundo;
- “As 4 ondas do terrorismo” – curadoria com conteúdo sobre as origens do terrorismo;
- “Saiba mais” – sugestões de reportagens e documentários sobre os temas de diversos veículos;
- “Sobre” – informações sobre a autora, além de informações para contato e em qual faculdade o projeto foi realizado.



## 6 CONSIDERAÇÕES

As redes sociais e os novos formatos narrativos abrem mais portas para a produção de conteúdo que consiga engajamento do leitor a avançar em temas e que, obviamente, possa ser distribuído também nas redes. Entre as ferramentas para o webjornalismo, a multimídia permite uma navegação fluída e infinita entre as informações: links, imagens, vídeos, áudios e, ainda timidamente, mas crescente, a realidade virtual, transformando simples notícias em histórias com profundidade oferecendo uma leitura enriquecida.

O ciberespaço e as redes sociais têm importância inegável e merecem atenção. Segundo publicação do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), de 6 de abril de 2016, mais de 50% dos brasileiros têm acesso à internet – seja via celular ou computador. O jornalismo necessita priorizar o conteúdo na internet, visto que a tendência é que o uso dela seja cada vez maior. A linguagem adaptada à web, a customização, a atualização contínua, a memória, a hipermobilidade, o uso máximo de celulares, a transmídia (PRADO, 2011) serão o alicerce das futuras, e atuais gerações de jornalistas.

É essencial que o jornalismo deixe claro o abismo entre extremismo religioso e o que realmente as leis islâmicas pregam. Com o estudo para a produção da multimídia, pode-se perceber o descaso das grandes mídias para tratar o assunto. Principalmente, deve-se atentar para não perpetuar os estereótipos xenófobos contra os muçulmanos. O questionamento que aparece na página inicial do site é retórica: nem todo muçulmano é terrorista, e nem todo terrorista é muçulmano. A leitura extremista de um livro religioso traz problemas sociais para toda a região do Oriente Médio. Não precisamos ir tão longe na história para ver o ciclo do extremismo: as Cruzadas, no período de expansão do domínio do catolicismo, matavam milhares em nome da religião.

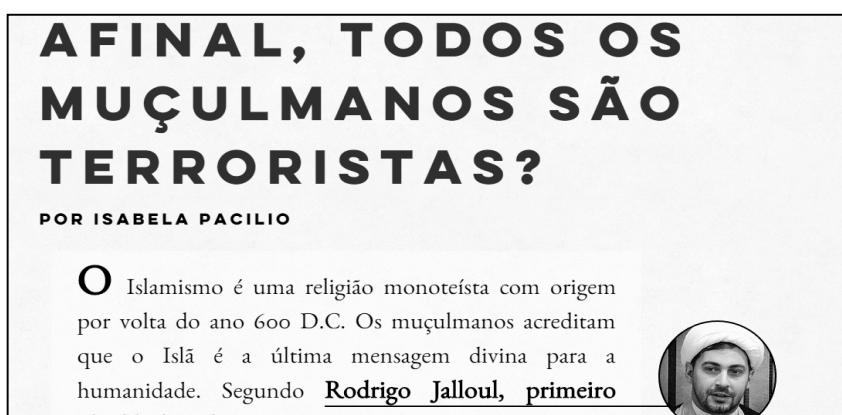


Imagem 2. Início da reportagem sobre o islamismo

A produção da multimídia *Onde Está o Paraíso?* leva em conta essa necessidade das novas gerações e aplica uma a uma as etapas em cima de um levantamento e estudo

bibliográfico iniciais sobre terrorismo e desenvolvidos e apurados por meio dos especialistas nas entrevistas como forma de progredir no tema. Além de cumprir os objetivos, o produto tem conteúdo didático e pode servir como guia para entender um tema complexo em meio ao fluxo intenso (muitas vezes confuso) de informações na mídia.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BELL, Emily. **Facebook is eating the world**. Columbia Journalism Review. 7 mar. 2016. Disponível em: <[http://www.cjr.org/analysis/facebook\\_and\\_media.php](http://www.cjr.org/analysis/facebook_and_media.php)>. Acesso em 8 abr. 2016.

BIEGING, Patricia; BUSARELLO, Raul Inácio; ULBRICHT, Vania Ribas; OLIVEIRA, Lídia. **Tecnologia e novas mídias: da educação às práticas culturais e de consumo**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2014.

IBGE. **PNAD TIC: em 2014, pela primeira vez, celulares superaram microcomputadores no acesso domiciliar à Internet**. Disponível em: <<http://saladeimprensa.ibge.gov.br/noticias.html?view=noticia&id=1&idnoticia=3133&busca=1&t=pnad-tic-2014-pela-primeira-vez-celulares-superaram-microcomputadores-acesso-domiciliar-internet>>. Acesso em 8 abr. 2016.

JENKINS, Henry. **Cultura da Convergência**. Tradução Susana Alexandria. Editora Aleph: 2006. Disponível em: <[http://www.editoraaleph.com.br/site/media/catalog/product/f/i/file\\_1.pdf](http://www.editoraaleph.com.br/site/media/catalog/product/f/i/file_1.pdf)>. Acesso em 6 abr. 2016.

KIRK, Ashley. Iraq and Syria: **How many foreign fighters are fighting for Isil?** The Telegraph. 24 mar. 2016. Disponível em: <<http://www.telegraph.co.uk/news/2016/03/29/iraq-and-syria-how-many-foreign-fighters-are-fighting-for-isil/>>. Acesso em 8 abr. 2016.

PEW RESEARCH CENTER. **The Future of World Religions: Population Growth Projections, 2010-2050**. Tradução livre pela autora do projeto. 2015. Disponível em: <<http://www.pewforum.org/2015/04/02/religious-projections-2010-2050/>>. Acesso em 6 abr. 2016.

PRADO, Magaly. **Webjornalismo**. Rio de Janeiro: LTC/GEN, 2011.

RAMONET, Ignacio. **A explosão do jornalismo: das mídias de massa à massa de mídias**. Tradução Douglas Estevam. São Paulo: Publisher Brasil, 2012.

RAPOPORT, David C. **The Four Waves of Modern Terrorism**. 2004. Disponível em: <<http://international.ucla.edu/media/files/Rapoport-Four-Waves-of-Modern-Terrorism.pdf>>. Acesso em 6 abr. 2016.

UNESCO. **Countering Online Hate Speech**. 2015. Disponível em: <<http://unesdoc.unesco.org/images/0023/002332/233231e.pdf>>. Acesso em 16 abr. 2016.